

## POESIA NA UNIVERSIDADE: PROCEDIMENTOS POSSÍVEIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.

Hilda Orquídea Hartmann Lontra  
UnB

*Caros presentes,  
bom dia!  
Fiquem desde já cientes:  
aqui fala a Poesia.*

Aqui fala a professora,  
a coordenadora,  
pesquisadora,  
doutora.

*Permeio este grande Encontro, feito ar,  
embora éter, e perfume todas salas, nesta e em  
outras alas, em que dizem sobre mim. Em  
verdade, hoje sou eu protagonista desta  
história – que nos une, no presente da  
memória, desde o centro à periferia, hoje eu  
sou a consagrada – e aqui a mais cantada. Só  
porque eu sou assim: misto de aroma e flor, e  
passo nas mediações – homem / grupo, ódio /  
amor, intelecto / sentimento – duplas que se  
fazem una, aqui e em qualquer momento: luz e  
sombra, sol e bruma, linguagem e pensamento  
quando se referem a mim.*

*Eu me apresento do topo: falo do fim da  
escada, do alto, da atualidade. Fá-lo da  
Universidade, em que meu espaço minguia,  
rarefeito a esmaecer, cedendo lugar à prosa,  
de Machado, Clarice ou Rosa, em que me vejo  
renascer. Assumo, aqui e agora, uma posição*

Ao se propor o simpósio com o título de  
“Diálogos Poéticos”, para o VIII Congresso  
Internacional da Associação Brasileira de  
Literatura Comparada – Belo Horizonte, de 23 a  
26 de julho de 2002 –, no subtema “agentes”,  
formulou-se, coletivamente o seguinte enfoque  
comum às distintas mesas:

“A sobremotivação que congrega os  
participantes desse simpósio é a **identidade da  
poesia**. A palavra poética impõe-se, desde sempre,  
como a grande mediadora entre o sujeito –  
emissor e/ou destinatário – e os apelos e as  
imagens da vida. Configura, vigora e valora,  
indivíduos e formas, natureza e sociedade, a partir  
da e na linguagem. A leitura da poesia aponta para  
uma série de desdobramentos interessantes: as  
diferentes maneiras de a poesia se manifestar,  
integrar-se a outras manifestações artísticas,  
circular no universo das relações humanas de

*central – dizem-me coordenadora – e mesmo se não o fora, diferente não o faria, pois quem fala é a poesia, em meu ritmo, cadência e forma, há muito entranhados em mim, no jeito mesmo de eu ser. Assim, se meu proceder causa espécie, nesta idade, abrindo a solenidade do simpósio a que pertenço, não me estranhem nem me fujam: eu me faço criatura e, com capa de literatura, afirmo o que vim a dizer.*

*Meu espaço: vida pura; sou do homem a escritura do mais fundo do seu ser. Sou essência, sou beleza, sou carência, pequenina, amplamente feminina, natureza, sou contexto, sou do texto o reviver. Sou o mito, mas não minto; fingimento, estrutura, sou telúrica, coesão. Sou o nó do sentimento, sou raiz do pensamento, sou o sol da intuição. Rima rica, verso aberto, passo firme, rumo incerto, personagem, ficção; o real da realidade, o fundo da intimidade, o pulso da imaginação.*

*Por isso quando circulo nos muros da academia, não deixo de ser – poesia – para virar outra coisa. Erram os que me pretendem acrisolar numa lousa, entre datas, nomes, estilos, caracteres de texto. Sou volátil,*

diferentes culturas, influenciar a formação dos cidadãos, afinar-lhes a sensibilidade, resgatar a memória individual ou coletiva, participar da escritura da história e interpretar o sujeito, na sua dimensão transcendente. Refletir a respeito da poesia, como mediadora de relações sócio-humanas, centradas ou marginais, no mundo globalizado de hoje, faz-se essencial, a partir do diálogo interpessoal.”

Para abrir os “Diálogos Poéticos”, na mesa “Poesia: leitura e ensino”, criou-se o texto ao lado, em que a poesia assume a palavra, como sujeito do discurso, justificando-se como uma grande mediadora nas relações de ensino e aprendizagem. Sob a forma poética, explicita-se uma concepção de poesia, intimamente análoga ao conceito de literatura (conforme etimologia dos termos e destaque atualizado por Luiz Costa Lima, na mesa-redonda de que participou, no XVII Encontro da ANPOLL, em Gramado --RS, de 24 a 28 de junho de 2002).

Com esse mesmo espírito, ou seja, percebendo a relação sinonímica entre poesia e literatura, formularam-se ambas propostas: a do simpósio e a da primeira mesa. O rastro teórico veio de Fernando Pessoa, que reflete acerca da

*palimpsesto, tudo isso e muito mais: sou o que em mim projetas; quer tiranos, quer poetas, quer leigos, quer professores, e nem sempre os exegetas chegam à minha essência, pois sou arte e sou ciência, sou presente e sou porvir, sou semente e sou florir.*

*Daí a necessidade – mesmo em uma faculdade – de meu estudo e ensino. Em verdade, desde cedo, bem menino deveriam me estimar, pois na alma da criança é que cresço em esperança de me fazer renovar. Em meu convívio, a estesia faz-se meta a alcançar, na rota do caminhante; e é sem dúvida, no universo do infante que me deveriam semear. Mas não o fazem... – que pena! – pois o ritmo do poema deixa de o sono embalar. E isso não é restrito às classes mais abastadas, que pensam elas – felizes coitadas! – uns novos sonhos comprar.*

*Às classes pobres, então, sobra o resto da metade do esforço e da vontade desses nobres professores, que labutam, e se esforçam, e que lutam – instrutores – por manter a dignidade de ensinar o que mal sabem, repetir à saciedade, reforçar o mesmo calo, do longínquo canto do galo, que*

construção poética, afirmando que “A palavra é, numa só unidade, três coisas distintas – o sentido que tem, os sentidos que evoca, e o ritmo que envolve esse sentido, estes sentidos” (Berardinelli, *Estudos de Literatura Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985).

Entre as crenças que estão subjacentes, sobreleva-se a de que a aula de literatura deve ser aula de poesia. Melhor dizendo, ao ensinar literatura, o professor necessita resgatar o poético da palavra artisticamente elaborada, em suas camadas melódica, distribucional e significativa. A aula de literatura, assim conduzida, se não atrai pelo conteúdo analisado, chama a atenção pela forma como é apresentada. Enraíza-se tal convicção no pensamento de Mário de Andrade, para quem a crítica de arte deve ser, em si mesma, artística (conforme *Revista do Brasil*, 1928, p. 145).

O contato com a poesia, ou seja, a arte da palavra, deve ser incentivado desde a mais tenra infância, antes e durante a vida escolar. Tal pensamento é partilhado pela reconhecida intelectual, a professora doutora Eliana Yunes, em seu artigo “A crítica da literatura infantil: coisa de leitor grande”, que assevera “os

*escutaram ao passar e que viram a correr, a fugir, a escapar. Subclasse, a dos docentes do ensino fundamental, no contexto nacional. Mas são formados – ou “de” – por tuas mãos, quem diria!, tais cidadãos titulados, que desconhecem poesia...*

*Uma pergunta me ocorre, um tanto quanto pueril: em quantas universidades, deste tão grande Brasil, nesse tempo que transcorre, se discute, se ensina, se valora, se percorre a Literatura Infantil? Em quantas licenciaturas nas escolas nacionais, se estuda, se estimula a leitura de autoras desta lista tão sutil – Ana Maria, a Machado; a Lygia, Bojunga Nunes, a Ruth, que é uma Rocha – nomes de grandes artistas, entre outros nomes mais...*

*Nelas eu me faço viva, vôo leve, agradecida, com valores a propalar. Mas não só entre as crianças, porque os jovens, em suas crenças, têm muito a me ensinar. Aos jovens, digo veemente: vocês não são a semente, são o fruto em formação. Vocês são a certeza de que, em sua fortaleza, se constrói o cidadão. Tenho-os por alicerce, por coluna, por cimento, por medula em crescimento, por*

responsáveis pela seleção de livros de uma biblioteca pública ou escolar, os livreiros que orientam as compras e os editores que selecionam originais, assim como os pais eventualmente em condições de adquirir livros para seus filhos precisam conhecer mais de perto alguns aspectos da criação literária e ter referências sobre critérios consensualmente admitidos por leitores experientes quando se trata de recomendar leitura para crianças e adolescentes” (In: TURCHI, Maria Zaira e SILVA, Vera Maria Tietzmann (org.). *Literatura infanto-juvenil: leitura e crítica*. Goiânia: Editora da UFG, 2002, p. 15). Adverte, também: “A leitura crítica que, sem academicismos, todos poderíamos exercer, subscreve as seleções e recomendações. Quando alguém busca um livro de literatura, busca-o para alcançar um prazer, não um prazer morno e ordinário, mas algo que dê arrepios, que leve à percepção nova das coisas, que amplie a imaginação e que dê o sentimento do mundo e dos homens. Há, pois, que se ler com dois olhos. (...) ler com coração e mente: partir do emocional e sensível da leitura para uma análise crítica do livro.” (Idem, p. 19).

*fé em fortalecimento dos destinos da nação.*

*Essa é minha convicção.*

*Mas outra questão eu me faço, e a resposta não sei não: é falência ou descaso, intencional ou por acaso? O que há na educação? Gritam muito e propagam a crise por que se passa – que coisa boa não é. É algo muito sem graça, falta sangue, falta raça, e falta eu, poesia, a palavra em ação. Falta tua voz, professor, a espalhar com galhardia, com orgulho, convicção, meu valor na parceria em prol da causa maior, participe da educação.*

*Em meio a tanto discurso, está em foco o global. Isso é muito estudado em toda universidade, como o grande pontapé em prol da união total – meta boa, novidade, tema sério da modernidade – mas bem no fundo me fica, com um ar de nostalgia, a dúvida (ou ironia) que vejo com muito cuidado: num mundo globalizado, tudo multienfocado, sem fronteiras, ampliado, em que ponto da cadeia se encontra o grão de areia da subjetividade individual, social, nacional? Nessa ampla dimensão, há lugar para utopia de contribuir – ironia – na formação – alegoria – de uma firme identidade?*

Esta é minha convicção: compete aos pais – no primeira infância – e aos professores – adiante – fazer a seleção e a orientação das leituras dos mais novos (crianças ou adolescentes). No entanto, afirmo que, no panorama atual, nem pais nem professores estão instrumentalizados – por motivos, que não vêm ao caso agora – para desempenhar esta tarefa imprescindivelmente formadora. Nem mesmo os docentes que ascendem ao nível superior de titulação para o magistério das letras preenchem satisfatoriamente o perfil de formadores de um leitor cada vez mais crítico. Isso ainda é “uma esperança, um movimento na direção de transformações sociais e humanas”, usando a expressão de Maria Zaira Turchi (op. cit. p. 30).

O processo de formação de professores que vão formar as novas gerações de professores não é eficiente quanto à formação de leitores. [Repetições necessárias e deliberadas.]

Dá-se informação acerca da literatura e, com isso, muitas vezes, deformam-se leitores. Lendo Guimarães Rosa, que falava dos “analfabetos para entrelinhas”, muitos universitários são incapazes de fazer transferências da palavra impressa para o

*Chegam-me à mente as metáforas com que se referem a mim: ora sou guia e farol, ora estrela, ou coisa afim, de iluminar os caminhos de uns quantos peregrinos que seguem, cegos, os hinos entoados pelo clarim. Ora, lá sou eu tão distante do sujeito caminhante!? Que nada! Visão enganada!*

*Eu sou o próprio caminho, sou processo, em se fazendo, sou gerúndio, sou um constante devir. Por isso, urge fazer a diferença, e apagar a velha crença de que a solução vem de fora, vem de longe e amanhã. A solução é agora, é em sendo mar e aurora; o horizonte é aqui. Só no meio, na mensagem, no sujeito, na história, no presente bem pensado é que se alcança espada e glória, e se constrói a vitória do sujeito, ao assujeitado.*

*Afora, enfim, me dirijo aos ilustres professores, esses grandes lutadores, defensores dos princípios mais nobres da humanidade: sou poesia – a única possibilidade de libertar das amarras o ínclito cidadão; sou eu que tenho a mania – e isso vem-me logo em mente – de interpretar o sujeito, na sua dimensão transcendente, do universo relacional. E essa é minha vontade:*

mundo dos homens: “Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam.” (*Grande sertão: veredas*. 14ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 20-1). Teorizações sobre poesia não levam à visão poética da vida.

Em “Ler ou não ser”, Gabriel Perissé afirma que “‘assimilar’ significa que eu me torno semelhante, ‘símil’ àquilo com que travo conhecimento: ocorre uma fusão espiritual entre aquilo que conhecemos (as imagens, os sentimentos, os conceitos...) e nós mesmos. E, nesta união, modificamo-nos um pouco, somos de certa maneira alterados – sem perdermos a nossa identidade pessoal, é óbvio. Entre mim e o livro dá-se uma comunhão, em função da qual fico impregnado da ‘alma’ do livro que, por sua vez, a recebeu do ‘eu’ do autor.” (*Ler, pensar e escrever*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998, p. 22).

Essa troca não é estimulada em nossos estabelecimentos de ensino, e urge que venha a ser, o mais breve possível, a fim de que o espaço do trânsito da literatura nas escolas não

*afinar-lhes a sensibilidade, elevar-lhes o moral. Usem-me, não me esqueçam; eu sou rés, meretriz, e mereço atuar na atmosfera, no espaço do paço interpessoal.*

*Em salas de aprendizagem, passo a ser mediadora entre sujeitos e mundo, com tema vago ou profundo me elevo, enlevo, enleio, entre pessoas passeio em passos de afeto e paz; participo dos apelos, dos protestos, passeatas, dos solos, das serenatas que não se olvidam jamais. Conformo as imagens da vida, disformo as faces sofridas, transformo as forças vencidas, reformo feras feridas, reforço forças mortais. Não me esqueçam jamais!*

*Pautem-se pela leitura de pedaços de meu corpo, minha alma ali é latente, em cada fração pequena: as mãos, que escrevem o poema, trazem o suor do rosto; os ombros, curvados, o oposto da minha coluna ereta; os pés, que sustentam o porte, são na terra firme seta. Leitura não é lei dura, isso até já foi dito, assim, o subscrito é bom que seja buscado por muitos olhos e orelhas, pois um pastor de cajado apenas espanta as ovelhas.*

*Se fores formar professores, à luz de minha doutrina, pratica a minha rotina de*

seja ocupado por outras áreas de conhecimento mais nobres, nos olhos (vesgos?) da modernidade. A partir da leitura da poesia passamos a exercer a crítica política, a experimentar um aumento da intuição, a ampliar nosso horizonte de sabedoria, a nos conduzir na enxurrada de títulos, a ser e a conhecer mais.

Em *Revolucionando bibliotecas*, a professora Dinorá Couto Cançado, ao fazer um diagnóstico completo sobre as bibliotecas escolares da rede pública de ensino do Distrito Federal, reivindica para a biblioteca escolar ou pública, o papel de centro ativo comunitário, “e não mais depósito de calhamaços empoeirados, funcionários ociosos e anciãos dorminhocos”, conforme prefácio do crítico e poeta Cassiano Nunes (Brasília: Thesaurus, 1997).

Ao resenhar essa obra, Antônio Ibañez Ruiz, Secretário de Educação do Distrito Federal, assim se manifestou: “A concepção da leitura como um ato intimamente ligado à Educação é fundamental, pois resgata o papel do livro na formação do cidadão. E não estamos falando apenas do livro enquanto elemento vital do enriquecimento pessoal, a riqueza maior para quem deseja um mundo mais feliz e mais justo.

*devagar ir seguindo e o sentido construindo aos poucos e lentamente. Quem vai sedento à fonte, em busca de água pura, pode sorvê-la em fartura e ainda ficar doente. A formação duplicada é forma de ação complicada, e se o exemplo constrói, o mal percurso destrói a alma bem-intencionada. Não te esqueças, professor, de que em minha companhia, vais esbanjar alegria e muitos rirão contigo; te rodearás de amigos na missão de ensinar. E isso sim é sério; tu podes acreditar.*

*E por fim te conto o caso do que fizeram comigo, em Brasília, eu bem te digo, para a fonte ires buscar: Brasília é lá do outro lado do monte que vês adiante, além de teu belo horizonte. Ao trabalhar com Cecília, um certo professor Lôbo, transformou o velho em novo e concertou poesia. Apropriou-se dos dados reais da biografia e modelou a Meireles, embelezando-lhe os dias: destacou os nobres feitos, sem inverter a verdade, e com tal suavidade apresentou a mulher, a mãe, a artista, a professora, a cronista, que nem o melhor contista melhor do que ele faria. Construiu um texto em prosa com exímia harmonia. Entrelaçou os poemas, apresentou-*

A leitura é um antídoto contra o egoísmo, e prepotência e a manipulação. O livro humaniza, quando mostra nossa força e nossos limites, e educa para a vida consciente.” (Encarte D.F. – resenha, da Câmara Legislativa do Distrito Federal. D.F. *Letras – a revista cultural de Brasília*. Ano III, nº. 31/34, 1997, p. 4). Esse aspecto humanizador da literatura, ao qual se chega apenas pela leitura, deve ser sublinhado no ambiente escolar, qualquer que seja o nível de ensino em que se esteja atuando, mas principalmente nos cursos de letras.

Da experiência ao lado, destacada para exemplo, sublinhamos os aspectos seguintes.

1. Devido ao componente melódico da poesia (notadamente a expressa em forma de versos), é necessário que a leitura oral, expressiva, bem feita, seja praticada. Sem esse exercício de leitura oral, perde-se muito da riqueza, da sonoridade e da poeticidade do texto.
2. O resgate dos dados biográficos, históricos, bibliográficos do autor em pauta, quando o professor os julgar necessários ao entendimento da obra, devem ser propostos de maneira



*os mesclados com os fatos bem tratados –  
matéria de poesia – e coroando seu invento,  
de forma original, apresentou-os no palco,  
dramatizando o feito de maneira genial. A  
platéia, encantada, foi procurar a Cecília que  
lhe era apresentada. Os alunos, conquistados,  
sentiram-se desafiados a descobrir o processo  
de criação renovada.*

*E eu saí do papel, dos cadernos e do  
livro, fiz-me voz e hoje vivo na boca que me  
encanta, na face de quem me escuta, nos olhos  
dos que reagem ao meu uni verso da imagem.  
Só pulso nos que me pensam, com emoção e  
sentimento, porque meu mundo é profundo,  
subjazo ao pensamento, e permaneço,  
transcendo ao instante e ao momento.*

*E quem passa junto a mim, com um  
desejo profético, contagia os sonhos seus,  
contamina-se com os meus, além dos diálogos  
poéticos. Assim eu digo, adeus.*

também poética, sob a forma de texto  
ou de dramatização, a fim de que haja  
harmonia entre texto e informações.

3. O caráter exemplar de que se reveste a  
conduta dos professor é componente do  
procedimento pedagógico. Assim, se o  
docente acredita que poemas devem ser  
memorizados, ele deve sabê-los e dizê-  
los de cor, se os diálogos contêm uma  
sobrecarga entonal, compete ao  
professor, na leitura, exemplificar tais  
modulações.
4. Apenas se a vivência de poesia, mesmo  
nas classes universitárias, for prazerosa,  
estaremos contribuindo para a formação  
de leitores, professores, apreciadores da  
palavra impressa, artisticamente  
elaborada, e, dialogicamente, sendo,  
uma “sociedade de poetas vivos”. Tudo  
isso, com muito e constante prazer.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos de Literatura Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL. D.F. *Letras – a revista cultural de Brasília*. Ano III, nº. 31/34, 1997.
- CANÇADO, Dinorá Couto. *Revolucionando bibliotecas*. Brasília: Thesaurus, 1997.

- LONTRA, Hilda O. H. (org.). *Leitura e literatura infantil – a questão do ser, do fazer e do sentir*. Brasília: FINATEC; Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2000.
- PERISSÉ, Gabriel. Ler ou não ser. *Ler, pensar e escrever*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 14ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- TURCHI, Maria Zaira e SILVA, Vera Maria Tietzmann (org.). *Literatura infanto-juvenil: leitura e crítica*. Goiânia: Editora da UFG, 2002.